

## O QUE OS JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE DESEJAM APRENDER? OLHARES CÊNICOS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA NA SOCIOEDUCAÇÃO.

SOUZA, J. N.<sup>1</sup>; BAREICHA, P. S. A.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Diretoria de Educação do Campo, Direitos Humanos e Diversidade/SEDF/UIBRA, nileducarte@gmail.com

<sup>2</sup> Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília/UnB, paulobareicha@gmail.com

**Palavra-chave:** Adolescentes em privação de liberdade; Violências institucionais; Artes cênicas; Sociodrama; Performance da representação do sujeito.

Olhares de adolescentes em privação de liberdade e a escuta de um docente-autor-artista-pesquisador diante das violências institucionais que atravessam a socioeducação. O cenário do processo criador é a biblioteca da UIBRA (Unidade de Internação Socioeducativa de Brazlândia), localizado na periferia do Distrito Federal, que abriga 55 jovens entre 16 e 18 anos que cumprem medidas privativas de liberdade. O objetivo central é tensionar e romper essas violências a partir de cenas teatrais que criam vínculos entre dramaturgias e encenações. Busca-se, assim, abrir horizontes para que esses adolescentes projetem seus futuros além-muros da internação expressando o que desejam aprender com o teatro, mesmo privados de liberdade em suas vidas. Os referenciais conceituais que fundamentam esta experiência e teorização crítica na prática cênica são: o sociodrama de Moreno (2014); a performance de representação do sujeito, de Goffman (2004) e os princípios da pedagogia crítica em Saviani (2015). A questão que se problematiza no processo criador indaga sobre os vínculos entre as dramaturgias dos adolescentes em privação de liberdade e suas teatralizações nas cenas: o que expressam as dramaturgias e o que interpretam nas encenações? A metodologia estrutura-se no formato de uma oficina de artes cênicas com 15 adolescentes. Durante a oficina esses adolescentes transformam histórias de vida em dramaturgias poéticas e as leituras dialogadas ganham corpo e voz. Nessas criações, são reveladas não apenas os sonhos – muitos dizem que querem ser atores, mc's, dançarinos, escritores – mas também lançam temas sobre direitos humanos em suas encenações. E, em grande medida, as causas estruturais da violação desses direitos relacionam-se às condições materiais de sobrevivência: a escassez de infraestrutura nas periferias - territórios onde vivem - o convívio com vulnerabilidades como a drogadição e o tráfico e os percursos sinuosos e descontínuos na escolarização. As relações de poder, os conflitos de interesses e a segregação social materializam-se nas expressões cênicas das violências institucionais. A interação corpóreo-performática entre os adolescentes torna visível, em cena, os modos como experienciam essa violência institucional: teatralizações onde encenam as rotinas de suas corporeidades na internação - cabeça baixa,



# I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

Educação democrática,  
direitos humanos e  
enfrentamento às violências

24, 25 e 26 / novembro  
UFF - Niterói

ombros encolhidos e braços para trás. Essas representações teatrais potencializam um olhar pedagógico crítico sobre como é conviver, não apenas com a privação da liberdade, mas, ainda com a penalização que recai sobre seus corpos subjugados. Os condicionamentos impostos pelo cotidiano institucional são, assim performatizados nas encenações, apontando caminhos de enfrentamento e crítica por meio do teatro. A oficina desloca, também, o papel do docente-autor: daquele que ensina para aquele que aprende colocando-se no entrejogo cênico da criação coletiva, agora como artista-pesquisador. Assume assim, uma atitude transdisciplinar e dialógica com os demais setores da unidade. Nesse sentido, o espaço pedagógico da cena teatral, sendo convivência sociocultural e invenção poética, constitui rupturas, ainda que momentâneas, dos mecanismos que legitimam a violência institucional em um estabelecimento socioeducativo de internação fechada.



observatório nacional da  
violência contra educadoras/es